

ASSASSINATOS DOIS ÍNDIOS COM CONIVÊNCIA E PROTEÇÃO DA POLÍCIA MILITAR

CEDI - P. I. B.  
DATA 13/08/86  
COD. 67 210

Tomamos conhecimento, pela imprensa, da morte de um civilizado e dois índios, em Barra do Corda, Maranhão.

Dirigimo-nos, então para a área para nos certificar dos fatos e em conversa com os índios apuramos o seguinte:

Em 26 de Fevereiro de 1980, índios guajajara da aldeia Altamira, ao encontrarem, dentro da reserva com algumas pessoas da fazenda Xupé que limita com a reserva indígena.

Bonfim tentou alvejar, com tiro de espingarda, Virgílio, índio guajajara. Virgílio se esquivou e escapou ileso.

Os índios prenderam a Bonfim, o fazendeiro que tentara alvejar Virgílio, e o levaram para a aldeia.

Temendo um ataque do pessoal da fazenda para resgatar o prisioneiro, um grupo de índios se dirigiu a fazenda. Depararam com um grupo armado e houve uma luta em que morreu um fazendeiro e mais dois foram feridos. Os índios prenderam mais dois e os levaram para a aldeia. A morte ocorreu assim: enquanto um índio tentava arrancar a espingarda da mão de um fazendeiro, este *Mateus* disparou e atingiu um outro fazendeiro que veio a morrer em consequência do ferimento.

Neste mesmo dia 26 de fevereiro, o dia da luta dos índios com brancos, que resultou na morte do fazendeiro Benedito Moreira Barros, dois carros, um da Polícia Militar, com uma patrulha da Polícia Militar de Barra do Corda, outro do fazendeiro José Maria Moreira Barros, em que iam o dono do carro e o subcomandante da Polícia Militar de Barra do Corda, passaram pela reserva indígena e sequestraram dois índios, Mateus e Moreira, velhos e aposentados, na BR 226 que atravessa a reserva; e os levaram para as margens do Mearim, na fazenda Xupé. Ali foram assassinados pelo fazendeiro, na presença da patrulha policial comandada pessoalmente pelo subcomandante Cap. José Mateus de Sousa Lopes, e os corpos jogados no rio Mearim.

Isto foi visto por empregados da fazenda Joia, que é vizinha da fazenda Xupé. Após dias de procura, em que estavam empenhados exclusivamente a Ajudância de Barra do Corda e os índios, foi encontrado o corpo de índio Mateus, morto com um balço desferido pelas costas. O corpo do índio Moreira ainda não foi localizado.

Foram presos o Cap. Mateus, que teria sido removido para São Luís, do fazendeiro José Maria. O fazendeiro, no entanto está em liberdade, graças a um habeas corpus que o juiz definiu baseado no fato de não ter sido instaurado nenhum inquérito.

Analicamos estes fatos e tiramos algumas conclusões e questões.

- Este conflito não é um fato isolado mas fruto de um clima permanente de rejeição, aversão e ódio pelo índio. Este clima se intensificou depois que os índios vêm exigindo a devolução das terras de Alto Alegre.
- A política oficial ainda é contra o índio.
  - Se não foi instaurado nenhum inquérito é porque a Funai, como órgão, não toma providência. Mais, os funcionários da Ajudância de Barra do Corda foram agredidos e estão sob constantes ameaças. É o que foi que a Funai já fez para garantir a vida e integridade física de seus funcionários?

Parcece-nos evidente que é porque estes funcionários, mesmo sem

- garantia e com risco de vida, assumiram a causa do índio.
- Também não é iniciativa pessoal o fato de o subcomandante da Polícia Militar de Barra do Corda, comandando uma patrulha, participar do sequestro de dois índios - que nada tinham a ver com a morte do fazendeiro, pois são de outras aldeias - assistir seu assassinato frio e bárbaro e seus corpos serem atirados ao rio.
  - A polícia nada fez para descobrir os criminosos e prendê-los.
  - Continua a provocação aos índios. Porque?  
Para que eles se revoltem e existirem motivos para atacá-los e exterminá-los dizendo que são selvagens e que não merecem viver?

Regional CIMI MARANHÃO - GOIAS

Odilo Erhardt  
Pe. Odilo Erhardt.

Carlos Ubbiali  
Pe. Carlos Ubbiali.